

**ENSINO DE GEOGRAFIA, PROTAGONISMO JUVENIL E INVESTIGAÇÃO NA  
EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: UMA ENTREVISTA COM SÉRGIO CLAUDINO, DA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA<sup>1</sup>**

**Victor Hugo Nedel Oliveira**

Professor do Departamento de Humanidades do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS  
<victor.juventudes@gmail.com>

**Sérgio Claudino Loureiro Nunes**

Professor e pesquisador do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa (ULisboa)  
<sergio@campus.ul.pt>

---

**Resumo:** Sérgio Claudino Loureiro Nunes é professor do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa (ULisboa) em Portugal. O Professor Claudino tem se dedicado às pesquisas nos seguintes temas: ensino de geografia, geografia, educação geográfica, ensino experimental de Geografia, formação de professores e manuais escolares. É coordenador nacional (em Portugal) e internacional do Projeto “Nós Propomos!”, sobre cidadania e inovação na Educação Geográfica. Nesta entrevista, concedida ao professor Victor Nedel, Sérgio Claudino discute temas importantes para o campo de pesquisa na área do ensino de Geografia tanto em Portugal como no Brasil, bem como apresenta pistas para as discussões sobre o protagonismo juvenil e a Geografia escolar. Ele afirma que os jovens pesquisadores do campo do ensino de Geografia devem sempre estar ligados à escola e manter um compromisso social em suas investigações. O Professor Sérgio enfatiza, nesta entrevista, que a ideia de apresentar propostas tem a ver com aquele princípio de uma Geografia que é de ação, e não apenas de contemplação da realidade.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia; Escola Básica; Protagonismo Juvenil; Cidadania.

<sup>1</sup> Artigo submetido em 30/01/2019 e aceito em 27/03/2019.

## **ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA, LIDERAZGO JUVENIL Y INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN GEOGRÁFICA: UMA ENTREVISTA CON SERGIO CLAUDINO, DE LA UNIVERSIDAD DE LISBOA**

---

**Resumen:** Sérgio Loureiro Claudino Nunes es profesor en el Instituto de Geografía y Ordenación del Territorio (IGOT), Universidad de Lisboa (ULisboa) en Portugal. El profesor Claudino se ha dedicado a las investigaciones en los siguientes temas: enseñanza de geografía, geografía, educación geográfica, enseñanza experimental de Geografía, formación de profesores y manuales escolares. Es coordinador nacional (en Portugal) y el Proyecto Internacional "Proponemos", en la ciudadanía y la innovación en la Educación Geográfica. En esta entrevista, concedida al profesor Víctor Nedel, Sergio Claudino discute asuntos importantes para el campo de búsqueda en el campo de la educación geográfica tanto en Portugal y Brasil, así como presenta pistas para los debates sobre la participación juvenil y la geografía escolar. Él afirma que los jóvenes investigadores del campo de la enseñanza de Geografía deben siempre estar ligados a la escuela y mantener un compromiso social en sus investigaciones. El Profesor Sérgio enfatiza, en esta entrevista, que la idea de presentar propuestas tiene que ver con ese principio de una Geografía que es de acción, y no sólo de contemplación de la realidad.

**Palabras clave:** Enseñanza de Geografía; Escuela Básica; Protagonismo Juvenil; La ciudadanía.

## **TEACHING OF GEOGRAPHY, YOUTH PROTAGONISM AND RESEARCH IN GEOGRAPHICAL EDUCATION: AN INTERVIEW WITH SERGIO CLAUDINO, UNIVERSITY OF LISBON**

---

**Abstract:** Sérgio Claudino Loureiro Nunes is a professor at the Institute of Geography and Spatial Planning (IGOT) of the University of Lisbon (ULisboa) in Portugal. Professor Claudino has been dedicated to research in the following subjects: geography teaching, geography, geographic education, experimental geography teaching, teacher training and school textbooks. He is the national (in Portugal) and international coordinator of the "We Proposed!" Project on Citizenship and Innovation in Geographical Education. In this interview, given to Professor Victor Nedel, Sérgio Claudino discusses important topics for the field of research in the area of Geography teaching in both Portugal and Brazil, as well as presenting clues to the discussions on youth protagonism and school geography. He says that young researchers in the field of Geography teaching should always be linked to school and maintain a social commitment in their investigations. Professor Sérgio emphasizes in this interview that the idea of presenting proposals has to do with that principle of a geography that is action, not just contemplation of reality.

**Keywords:** Geography Teaching; Basic school; Youth Protagonism; Citizenship.

## APRESENTAÇÃO

O Professor Doutor Sérgio Claudino possui Licenciatura em Geografia pela Universidade de Lisboa (1981), mestrado em Geografia Humana e Planejamento Regional e Local pela Universidade de Lisboa (1992), e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de Lisboa (2002). Atualmente, é Professor do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT-UL) e Investigador Principal do Centro de Estudos Geográficos da mesma instituição. É coordenador do Mestrado em Ensino de Geografia da Universidade de Lisboa e do Centro de Formação de Professores do IGOT-UL.

O Professor Claudino é membro da Direção do GEOFORO-Foro Iberoamericano de Educação, Geografia e Sociedade e coordenador nacional e internacional do Projeto Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica. É colaborador do Centro de Estudos e Intervenção em Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e colaborador estrangeiro de Grupo de Pesquisa Representações, Espaços, Tempos e Linguagens em Experiências Educativas/RETLEE, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. É, ainda, membro do Grupo de Pesquisa em Ensino e Metodologia em Geografia e Ciências Sociais da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/UNIJUI e membro estrangeiro do grupo de pesquisa Cidade e Meio Ambiente/CNPq, Universidade Federal do Tocantins.

Sérgio Claudino tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Ensino de Geografia, atuando principalmente nos seguintes domínios: ensino de geografia, formação de professores, manuais escolares e geografia humana. Tem colaborado com diversas universidades, sobretudo brasileiras e espanholas. Tem diversas obras publicadas e orientado dissertações de mestrado e de doutoramento nestas áreas.

Nesta entrevista, realizada em Lisboa, aos vinte e dois dias do mês de janeiro do ano 2019, são apresentadas sínteses analíticas desenvolvidas pelo Professor Sérgio Claudino, decorrentes de sua ampla pesquisa e experiência no campo do ensino de Geografia e da realização do Projeto “Nós Propomos!”.

**ENTREVISTADOR:** Como iniciou seu interesse pelo ensino, pesquisa e extensão no campo do Ensino de Geografia?

**SÉRGIO CLAUDINO:** Eu começo por agradecer o convite para a entrevista, naturalmente. Aos doze anos, decidi que queria ser professor. Não tinha ainda a imagem se queria ser professor de Geografia ou de outra disciplina, mas queria ser professor. Isso também se deve ao fato de eu ser de uma área rural e as pessoas que, de certa forma, mais me ajudavam a rasgar horizontes eram, provavelmente, meus professores. Tive alguns bons professores, mesmo nessa idade de onze ou doze anos. Depois, vou para o curso de Geografia, pois gostava de Geografia e tinha boas notas e interesse pela disciplina, mas também estava presente o fato de que o curso facilitava o fato de me tornar professor, juntando assim as duas coisas. Acabo o curso (que em Portugal chamamos de licenciatura, de 4 anos, equivalente no Brasil à graduação) e vou dar aulas no ensino fundamental e médio (em Portugal, ensino básico e o secundário. Leciono durante seis anos, em dois dos quais fiz o estágio docente. O esquema aqui em Portugal é diferente do Brasil e diferente do que hoje funciona em Portugal: nós primeiro anos íamos dar aulas e só depois fazíamos aquilo que eram as vossas “práticas”. Eu realizo as minhas práticas entre 1983 e 1985. Em 1985/86 eu dei aulas em uma escola de Lisboa. Participei de uma ação de formação onde um colega me contactou, certamente não foi ao acaso, eu tinha boas notas de curso e boas notas no estágio, para concorrer para a Escola

Superior de Educação de Setúbal. Eu concorri e fui aprovado. Entretanto, abriu concurso para a vaga de assistente estagiário para a Universidade de Lisboa, na Faculdade de Letras, no Departamento de Geografia, onde eu fui estudante. Eu concorri outra vez e fui aprovado outra vez. Por coincidência, as universidades portuguesas, por solicitação do governo, passam a assumir a formação dos seus diplomados como professores, ou seja, o governo tem a necessidade de formar professores em grandes quantidades e profissionalizar os seus docentes do ensino não superior, que iam dar aulas sem ter qualquer formação pedagógica ou didática. Como eu já tinha as práticas feitas e vinha de uma instituição de ensino superior que formava professores, então fui direcionado para a área de formação de professores, que se iniciava. E eu não me importei com esta decisão. Atualmente, sou o mais antigo professor que trabalha com formação de professores de Geografia no país, no que tenho um interesse genuíno. Em Portugal, como no Brasil, a formação de professores aparece muitas vezes como uma oportunidade profissional para pessoas que até possam querer outras carreiras, mas que ingressam nas universidades e logo que podem saltam para outras áreas. No mestrado, eu não trabalhei diretamente com ensino de Geografia, uma área que não estava diretamente contemplada, ou seja, estamos falando de algo que aconteceu há 30 anos. No doutoramento, eu já trabalhei diretamente sobre ensino de Geografia. Uma colega portuguesa minha fez seu doutoramento na Inglaterra na área da formação de professores de Geografia. Em Portugal, eu sou a primeira pessoa a realizar um doutoramento ligado diretamente ao ensino de Geografia. O tema da minha tese buscou fazer a ligação entre dois mundos: como a produção de conhecimento científico era transposta para a produção escolar, tese que foi defendida em 2002. É um pouco do meu percurso.

ENTREVISTADOR: Explique-nos o surgimento e a metodologia do Projeto “Nós Propomos”.

SÉRGIO CLAUDINO: O projeto “Nós Propomos!” decorre de uma solicitação que vem dos programas de Geografia do ensino médio (secundário), de realização do estudo de caso. É uma solicitação oficial que não era implementada e continua não sendo implementada. O estudo de caso busca assumir uma perspectiva construtivista da aprendizagem, no sentido de colocar os alunos a identificar os problemas sociais e ambientais locais que lhes são mais significativos. Há uma ideia de que os alunos se sintam motivados, ou seja, os projetos dos alunos são definidos a partir dos seus interesses. Há um primeiro passo, que é um levantamento de ideias e de problemas, e eu penso que isso é respeitado, em linhas gerais, de que os professores dão à palavra aos alunos no sentido de que eles respondam sobre quais problemas gostariam estudar. Na segunda fase, os alunos têm de definir um problema, para evitar que eles se dispersem por problemas muito genéricos ou vários problemas. Eles elegem, então, um problema que lhes diz mais respeito. Na terceira fase, ocorre a realização de trabalho de campo, que significa dizer que os alunos vão aos locais, registram fotografias, mas também solicitamos que os alunos entrevistem a população, apliquem questionários com a população ou ainda que entrevistem alguns atores mais significativos. Ao mesmo tempo, e sempre que possível, nós solicitamos que os alunos consultem o Plano Diretor Municipal, que é o grande instrumento de planejamento a nível municipal, a fim de conhecer as perspectivas que o município tem a oferecer para o desenvolvimento local e também no sentido de que possam verificar de que o que estão propondo é exequível ou não. Há aqui um misto de idealismo e realismo, ou seja, todos os projetos têm uma ideia de transformar o que está mal, então há um componente de idealismo, mas também tentamos que tenham os pés sempre na terra. Sempre que possível, realizamos ações com equipes dos municípios que vão às escolas

falar com os alunos, sobre as perspectivas dos municípios e recolherem as perguntas dos alunos sobre dúvidas que venham a ter. Na sequência, os alunos elaboram as suas propostas. Há um momento forte do projeto que é o Seminário Nacional, que se realiza no IGOT/Universidade de Lisboa. Neste seminário, os projetos são colocados todos em um site, mas também solicitamos que os alunos façam a divulgação de suas propostas nos respectivos municípios. Ou seja, tentamos fazer com que as propostas que eles elaboram não sejam apenas um momento acadêmico, mas que vá para além dos muros da escola. Devo dizer, com alguma franqueza, que o projeto cresceu muito e que não temos tido capacidade de acompanhar as escolas como, por exemplo, fazíamos na fase inicial, na qual tínhamos um diálogo constante com as escolas. O projeto começou com 9 escolas e hoje já são 50 escolas, portanto, eu encaro com preocupação este fato. Do ponto de vista metodológico, então, há uma primeira fase de levantamento das ideias prévias dos alunos sobre seus problemas locais. Depois, os alunos são solicitados a realizar trabalho de campo, que nós achamos que é fundamental. Logo, que tenham uma atitude proativa, ou seja, a partir deste problema, quais são as propostas dos alunos, com a partilha com a comunidade. Eu quero acrescentar que o produto mais visível do projeto “Nós Propomos” são, seguramente, as propostas que eles elaboram, mas eu penso que o produto mais visível mesmo seja a educação das atitudes, ou seja, nós queremos que os alunos se habituem perante um problema a pensarem nas soluções que devem encaminhar, ou seja, assumir uma atitude inconformista perante os problemas de seus territórios.

ENTREVISTADOR: Em quais países o Projeto “Nós Propomos!” ocorre atualmente? Existem diferenças entre os projetos dos diferentes países?

SÉRGIO CLAUDINO: O projeto ocorre em Portugal, Espanha, Moçambique – neste país, em uma escola portuguesa – Brasil (que é a grande potência do Projeto), Peru, Colômbia e, agora, no México. Ao todo são sete países. Aquilo que nós definimos como “tem que ser” é aquela ideia de trabalhar problemas locais, de realizar trabalho de campo e de apresentar propostas. São esses três pilares e que nós tentamos que sejam comuns em todos os lugares. Há diferenças nítidas entre países e dentro dos países, como é óbvio que acontece no Brasil pela sua dimensão. Em Portugal, o Projeto mobiliza alunos que estão no final de seus estudos secundários, portanto jovens de 16 e 17 anos. A Geografia é uma disciplina opcional, mas que tem grande expressão em nível do ensino secundário, é muito solicitada. Eventualmente, porque é considerada menos difícil do que outras disciplinas, mas, em geral, porque há certo prestígio social com a Geografia. Já na Espanha, os projetos são desenvolvidos, sobretudo, nas sérias finais do ensino fundamental, porque a Geografia quase não existe e sofre uma grande crise no ensino médio. No ensino secundário, os alunos têm exames, como ocorre em Portugal também, portanto há professores que não gostam de colocar seus alunos a fazer projetos quando, no fim, eles tem de ser avaliados por exames que não avaliam os projetos. Assim, em Espanha, participam meninos dos 7 ou 8 anos até os 14 ou 15 anos, portanto o projeto se desenvolve principalmente em primária. Em Moçambique, que segue o modelo português, também se aplica no secundário. No Brasil, a maioria dos alunos é do ensino médio, mas também há alunos de 14 ou 15 anos que participam e, portanto, há uma assinalável diversidade, sempre na lógica dos alunos olharem para o território, pensarem em problemas e pensarem em soluções. No Peru, o projeto tem estado muito associado ainda à ações universitárias, portanto com os próprios alunos da universidade. Na Colômbia, o projeto tem sido implementado em nível da formação de professores, ou seja, ainda não está consolidado a nível institucional, mas tem sido implementado com professores que estão em

formação continuada e que trabalham sobre o meio local, na expectativa que depois trabalhem em suas escolas. Finalmente, no México, o projeto está sendo implementado na universidade, com os alunos que ingressam em unidades curriculares de formação de professores, desenvolvendo projetos muito interessantes. A implementação no México é muito recente, mas já sei que há um município que quis reunir-se com a universidade para implementar a proposta dos alunos. A Universidade Autônoma do México também está implementando o Projeto com alunos do ensino médio, cerca de 90 alunos do ensino médio. Não tenho a preocupação de que os modelos sejam muito semelhantes. A minha preocupação é de que o essencial do projeto se mantenha mas, porque as realidades de cada escola e de cada país são diferentes, tem que haver adaptações que devem ser respeitadas. O que tem que ser garantido é a ideia de olhar para os problemas e apresentar propostas. Do ponto de vista institucional há uma regra de que as pessoas devam utilizar o nome do projeto “Nós Propomos!” (em português) ou “Nosotros Proponemos” (em espanhol), como maneira de identificação.

ENTREVISTADOR: Como o senhor percebe o protagonismo juvenil no Projeto “Nós Propomos!”?

SÉRGIO CLAUDINO: Há um grande protagonismo juvenil. Porque os alunos têm mesmo um papel decisivo no desenvolvimento do Projeto e nos surpreendem frequentemente com as suas ideias e propostas, por exemplo, as questões de sustentabilidade estão cada vez mais presentes nas propostas, as questões da mobilização de recursos eletrônicos e digitais estão também cada vez mais presentes. Como exemplo: cada vez mais os alunos apresentam propostas da construção de aplicativos para celular, desde tirar fotografias, partilhar informação, criar redes de apoio social para pessoas idosas. Há claramente uma mudança de apostas, que tem a ver com a própria questão social da juventude. Este protagonismo juvenil é de tal forma grande que pontualmente podem-se notar pequenos choques entre os professores e os alunos, que eu acho que são perfeitamente normais e não vale a pena “esconder debaixo da mesa”. Quando é que eu digo que há pequenos choques: quando, por exemplo, os alunos querem elaborar propostas ou escolher temas que os professores acham que não são muito significativos, ou até por outras questões, como, por exemplo, dois grupos de uma turma quererem trabalhar o mesmo tema. Para mim, isso não levanta problemas, porque há que se garantir o interesse dos alunos. Às vezes há problemas que se evidenciam em uma comunidade, logo, não há problema que dois grupos queiram trabalhar este tema. E experiência diz que quando os alunos abordam o mesmo tema, nunca os tratam da mesma forma. Por outro lado, com o crescimento do número de escolas e do número de propostas, há uma votação do prêmio nacional do melhor projeto ou dos melhores projetos e, nesse momento, não é possível fazer como no início, uma avaliação de todos os projetos. Isso tem significado que, frequentemente, os professores perguntam aos alunos qual é, em seu ponto de vista, os melhores projetos que devem ir para a seleção nacional. Muitas vezes os alunos não escolhem diretamente com os mesmos critérios dos professores, que ficam um pouco aflitos. É evidente que se deve confiar a este nível no protagonismo dos alunos. Eu penso que o projeto tem ajudado a muitos jovens e tem marcado o desenvolvimento de muitos jovens, sobretudo em escolas em que o Projeto Nós Propomos! está desenvolvido em vários níveis. Há alunos que têm desenvolvido o Projeto em mais de um ano e fica muito visível o desenvolvimento de atitudes de participação muito clara. A Associação de Professores de Geografia costuma organizar o Seminário Nacional, além do Encontro Nacional e o último Seminário Nacional; em 2018, não por acaso, foi realizado em uma escola no município de Sertão, que adquiriu notoriedade nacional e internacional pelo seu desempenho no projeto “Nós

Propomos!”. Os alunos que secretariaram e apoiaram todos aqueles dias foram alunos do Projeto “Nós Propomos!” que, por via deste, adquiriram uma grande vontade de organizar, de encaminhar os convidados e apoiar todas as atividades que estavam sendo desenvolvidas. Há aqui claramente um Projeto que não só acolhe como estimula o protagonismo dos jovens estudantes.

ENTREVISTADOR: Quais as relações entre o ensino de Geografia e o Projeto “Nós Propomos!”?

SÉRGIO CLAUDINO: O Projeto “Nós Propomos!” concretiza muito daquilo que nós dizemos em nossos discursos sobre aquilo que nós dizemos sobre o que deve ser o ensino de Geografia. Nos nossos discursos, dizemos que a Geografia ajuda e desperta o aluno para os problemas da comunidade, portanto o projeto “Nós Propomos!” é diretamente ligado para isto mesmo. Nós defendemos que os alunos devem realizar trabalho de campo na Geografia, todos afirmam da importância do trabalho de campo na Geografia. Nós dizemos que os alunos devem desenvolver o espírito crítico, serem proativos e, na realidade, os alunos que partem desses problemas concretos têm de ser criativos. Há uma sobreposição demasiado óbvia entre o que são as finalidades da Educação Geográfica e o que é o projeto “Nós Propomos!”. Isso tem a ver um pouco com que eu penso que seja a minha própria perspectiva, independente do projeto “Nós Propomos!”: não vale a pena fazermos propostas muito elaboradas, mas que não sejam viáveis e concretizáveis. Ou seja, há uma ideia de que devemos fazer propostas que sejam realistas, que vão ao encontro das capacidades e das potencialidades da escola e dos alunos. Nesse sentido, penso que há uma tentativa de entender o projeto “Nós Propomos!” como aquilo que nós dizemos nos temas teóricos. Quando eu penso em levantamento das ideias prévias, é algo que é relativamente consensual através dos autores. Outra questão importante: alunos devem realizar pesquisa documental. Confesso que as pesquisas documentais realizadas têm sido um pouco inferiores àquelas que eu pensava inicialmente, pois não há tanta bibliografia sobre os problemas locais, logo, os alunos se dedicam aos trabalhos de campo e depois a apresentação de propostas. Isso tem a ver com aquela ideia de que o conhecimento e a aprendizagem devem ter uma utilidade social. A ideia de apresentar propostas tem a ver com aquele princípio de uma Geografia que é de ação, e não apenas de contemplação da realidade. Eu fico frequentemente enfadado com aqueles discursos muito bonitos, encontrados em muitos artigos e muitos livros, sobre o que deve ser o ensino de Geografia e que depois não possuem nenhuma tradução prática. Aliás, me parece ser uma péssima tradição acadêmica de escrever coisas sobre como deve ser a escola por pessoas que fogem da escola “à sete pés”. Se eu fizer esse exercício, acredito que sou capaz de escrever coisas muito bonitas que todos considerarão politicamente corretas, mas que depois não tem qualquer implementação. Algo que deveríamos nos perguntar é: por que ainda há tantos problemas na escola, quando há tanta gente há tanto tempo escrevendo sobre como deve ser a escola. Um projeto como o “Nós Propomos!” às vezes vale mais do que cem páginas escritas. Acredito que há uma grande sobreposição, mesmo que não seja explícito, por trás das fases do projeto, há um enquadramento teórico evidente.

ENTREVISTADOR: Quais projetos criados pelos estudantes do Brasil e de Portugal mais lhe chamaram a atenção? Por quê?

SÉRGIO CLAUDINO: No Brasil observei uma tendência para a pró-atividade que frequentemente eu não encontro em Portugal. Ou seja, os alunos no Brasil quando lançam um

problema pensam logo em construir uma página no Facebook para tentar implementar o projeto, por exemplo. Vou dar alguns exemplos de projetos que me parecem interessantes do Brasil. O primeiro é um projeto de alunos que trabalharam com o apoio ao recolhimento de animais abandonados. Nunca havia imaginado, mas é um assunto muito presente tanto entre jovens portugueses quanto em jovens brasileiros. Eles não se limitaram apenas com o problema e criaram uma página na internet para mobilizar recursos. Criaram pontos no território com comedores e bebedores para os animais, como gatos e cães, animais domésticos abandonados. Criaram laços para o recolhimento desses animais por outras pessoas. Acredito que, com toda a franqueza, esses projetos são muito bons e são lançados, mas infelizmente são projetos abandonados quando os alunos saem, mas tratou-se de um projeto no qual os alunos levaram à sério o problema que haviam encontrado, criando uma rede de abrigo e tentaram de fato apoiar os animais abandonados. Esse projeto aconteceu no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. Depois, em Palmas, na Universidade Federal do Tocantins, há uma equipe de alunos que propôs a reabilitação de uma escola num Centro de Apoio à População. Esta proposta foi a vencedora naquele ano e o Professor João Bazolli estava em contato com a Fundação Alphaville, que apoiou a implementação deste projeto. Neste momento, há um edifício que sofreu obras e neste momento aquele espaço está servindo à população para o convívio. Este é um excelente exemplo. Estive, recentemente, no final de 2018, em Palmas e o novo projeto vencedor era um projeto muito original, que era um projeto de recolhimento de material elétrico. Quem entregasse material elétrico para reciclagem recebia produtos de uma horta comunitária. Também sei que a Fundação Alphaville também iria apoiar e espero que seja implementado. Há aqui em Portugal um projeto muito simples, que foi desenvolvido na cidade de Viseu, que é uma cidade conhecida por ter muitas rotatórias (rotundas, como chama-se em Portugal), em que os alunos defenderam a substituição da relva por vegetação local, com o objetivo de economizar água, já que a relva exige um grande consumo de água para ser mantida. Penso que esse projeto é bem ilustrativo, pois é uma ideia muito simples que pode funcionar. Esse projeto não foi implementado, mas esta ideia eu acho muito significativa. Há um projeto de criação de uma ciclovia entre duas localidades do Concelho de Oliveira de Azeméis que foi implementada e deve sua criação ao projeto “Nós Propomos!”. Vi também em Oliveira de Azeméis um grupo de alunos que propuseram a criação de um festival de verão da juventude. Esta ideia não foi implementada, pois não criou o festival da juventude, mas, dentro das festividades da cidade criou um dia chamado “Nós Propomos”. Tivemos em mais de um local, e me lembro de Ribeira Grande e no Seixal, alunos que trabalharam sobre a necessidade de limpeza de praia e não se limitaram à parte teórica, pois organizaram campanhas com colegas, professores e turistas, em que fizeram ações de limpeza de praia. Outra proposta é de um grupo de alunos que criaram uma rota de um ônibus que ligava as aldeias de Anadia. Portanto as propostas dos alunos vão ao encontro das necessidades que a população sente. Aparentemente, o número de propostas que são de fato implementadas é reduzido em relação ao total de propostas apresentadas. O que, em uma visão em médio prazo, nos permite ver é que os problemas que os alunos vão levantando são colocados na praça pública e na discussão pública e vão sendo resolvidos de uma forma paulatina, não logo imediata. Uma das frustrações dos alunos é que se dispõem a trabalhar para determinada proposta, dão seus esforços para uma proposta e não vêem a proposta ser implementada no imediato. Mas nós verificamos que os municípios tendem a ir implementando e a ir respondendo àqueles problemas. Por vezes, os municípios não gostam muito de afirmar que estão fazendo determinadas ações porque os alunos que as propuseram, há alguma relutância. Quando fui visitar uma escola em Braga, vi uma exposição das propostas dos alunos e, ao lado das propostas dos alunos, havia notícias dos jornais locais

que davam conta da solução daqueles problemas. Fiquei espantado porque nunca havia me ocorrido esta relação direta. É evidente que no caso de Braga é o próprio município que estimula o projeto “Nós Propomos!”, de maneira a que eles estão mais atentos às propostas dos alunos.

ENTREVISTADOR: Quais pesquisas o senhor tem, atualmente, participado ou orientado dentro do campo do Ensino da Geografia?

SÉRGIO CLAUDINO: Particpei de um Projeto da Universidade de Sevilha sobre formação de professores e ensino de cidadania, que não estava diretamente ligado ao projeto “Nós Propomos!”, mas havia questões diretamente ligadas ao tema da cidadania. No âmbito do projeto “Nós Propomos”, já organizamos o I Congresso Ibero-Americano e estamos organizando um livro com mais de 900 páginas, que se configura como um testemunho importante de desenvolvimento do projeto. Devo dizer que há diversas teses e dissertações que estão sendo desenvolvidas em Portugal, mas, sobretudo no Brasil, a volta do projeto “Nós Propomos”. Eu mesmo oriento uma tese que é sobre o Projeto “Nós Propomos” e o uso das tecnologias (em Ceará/Fortaleza). Há uma tese defendida muito recentemente em que o projeto “Nós Propomos” também é evocado e, portanto, o fato de terem sido publicados até agora três livros sobre o projeto “Nós Propomos”, traduz já a investigação que vai sendo desenvolvida. É verdade que o Projeto surge como extensão e que, entretanto, depois surge como objetivo de investigação universitária. Há um contributo muito forte, desde os colegas da Espanha, do Brasil e agora do GeoForo, Foro Ibero-Americano de Educação, Geografia e Sociedade, para investigar as representações dos alunos e a sua construção da realidade social e de seu próprio protagonismo a partir do projeto “Nós Propomos”.

ENTREVISTADOR: Que aproximações e que distanciamentos o senhor percebe entre as questões do ensino de Geografia no Brasil e em Portugal?

SÉRGIO CLAUDINO: O ensino da Geografia no Brasil reflete naturalmente a realidade de um país de dimensões continentais. Trata-se de um país no qual se tem presente a noção de estar em construção. Isso vai marcar a distinção com Portugal, que é um país mais estável, já construído, caminhando para mil anos de existência. Existe, portanto, um distanciamento entre um jovem país e um país já consolidado e que, segundo o Professor Orlando Ribeiro, um país que possui as mais antigas fronteiras do mundo. No meu país, há um processo de construção ideológica no sentido de que os portugueses se identificassem como cidadãos da própria União Europeia e, portanto, a cidadania europeia é outro marco. No Brasil, naturalmente há um enfoque na América Latina, e no continente americano muito distinto àquele que nós temos em Portugal. Há um profundo e assumido discurso ideológico na Geografia brasileira. Milton Santos é uma referência incontornável e muito presente e há um discurso pré-Marxista em muitos casos que nós não temos no ensino da Geografia em Portugal. Já li manuais para professores de Geografia com discursos sobre as classes trabalhadoras e o papel social dessas. Isso seria impensável em Portugal. Os manuais que são concebidos para professores em Portugal não tem textos para justificar a pertinência da Geografia enquanto disciplina escolar, como acontece no Brasil. Há uma realidade no sistema educativo que é completamente diferente, pois no Brasil há três grandes redes de ensino: uma rede municipal, uma rede estadual e uma rede federal. Nós somente temos uma rede nacional. Portanto, um professor que esteja em uma escola em Vila Real de Santo António, no extremo sul do continente português, esteja em Lisboa ou esteja em Bragança tem exatamente o

mesmo programa e o mesmo vencimento, portanto, há uma uniformidade muito grande, não havendo diferenças regionais introduzidas pelos municípios. Em Portugal seria inconcebível que professores de Geografia, em municípios vizinhos, tivessem contratos e vencimentos diferentes. Aqui em Portugal é tudo rigorosamente igual. Uma consequência indireta dessa unidade portuguesa: os professores em Portugal constituem um grupo de pressão com uma capacidade de influência social muito superior ao que acontece no Brasil. Os professores do ensino fundamental e médio têm as mesmas reivindicações em qualquer ponto do país. Acusa-se frequentemente o governo português de estar refém do sindicato de professores, pois não há sindicatos de municípios, as reivindicações são nacionais. Em Portugal há uma classe média mais forte e os professores pertencem a essa classe média. Os professores estão organizados em associações e há uma Associação de Professores de Geografia que é conhecida e não há o equivalente no Brasil. Há a Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), mas não há propriamente uma associação para os professores. A capacidade de reivindicação dos professores de Geografia junto ao Ministério da Educação em Portugal é muito superior ao que acontece no Brasil, esta é uma diferença notória. O ensino de Geografia, no fundo, não é tão diferente, pois as escolas têm uma organização em que a intervenção discursiva do professor, os alunos têm um papel mais ou menos passivo de registrar o que o professor apresenta. A escola portuguesa e a escola brasileira são, no essencial, duas escolas tradicionais e há uma filiação de um modelo pedagógico-didático que é da escola francófona, havendo mais diferenças de um discurso mais ideológico da geografia brasileira.

ENTREVISTADOR: Vivemos, no Brasil, em tempos de ataques à educação como um todo, aos professores, à escola básica e à intelectualidade. Como o senhor tem percebido esses movimentos?

SÉRGIO CLAUDINO: Em Portugal, há uma consciência muito grande de que o novo governo brasileiro ataca domínios e valores que nós consideramos básicos à civilização. Há uma preocupação a isso que se passa no Brasil. Quando o presidente da República Portuguesa se desloca para a tomada de posse do presidente da República Federativa do Brasil, foi criticado por isso. Eu concordo com o presidente da República de Portugal, pois acredito que existam relações entre os dois países que devem ser mantidas, desde que não se coloque em xeque a identidade portuguesa. Do meu ponto de vista, e não querendo ser antipático com ninguém, penso que, no Brasil, quando chega ao poder alguém que tem um discurso de valores que vão ao arrepio àquilo que é definido como humanidade, tal significa que a escola falhou. Penso que não basta acusar quem é eleito, pois foi eleito democraticamente. Tal significa que alguma coisa está errada com a escola e deveria haver um movimento interior e introspectivo que se pergunte no que nós, enquanto escola, estamos falhando, para que líderes políticos que não dão primazia aos direitos humanos sejam eleitos. Não estou discutindo se são mais à direita ou mais à esquerda, digo que falamos de dirigentes que tem um discurso contrário àquele que a escola defende há dezenas de anos. Penso que a escola brasileira e o ensino de Geografia devem ser interrogados sobre como é possível que milhões de cidadãos que passam pela escola sufraguem ideias contrárias à ideia de respeito pelos outros.

ENTREVISTADOR: Quais recomendações o senhor sugeriria entrar na agenda dos “jovens pesquisadores do ensino de Geografia”?

SÉRGIO CLAUDINO: Penso que os jovens pesquisadores de ensino de Geografia devem trabalhar muito com o “pé na escola”. Os jovens pesquisadores devem estar na escola

sem pressa, ouvir os alunos, ouvir os professores e implementarem pequenas estratégias. Há um problema fundamental em Portugal, mas penso que também exista no Brasil, que é nós lermos livros inteiros sobre a escola e os alunos e depois querermos traduzir na prática aquilo que deve ser feito e depois nós não conseguimos extrair dali dados nem realizar propostas concretas sobre como se deve fazer. Penso que estamos todos cansados de discursos que não duvidamos em nível da boa intenção e da pertinência, mas discursos que não trazem nada para a transformação da escola. Uma primeira recomendação é esta: trabalhar na escola com a escola, sob o risco de produzir discursos que depois não aderem à realidade. Acredito que os jovens pesquisadores, tal como os professores, devem ter um compromisso social. A escola não é uma instituição neutra, de forma alguma. É uma instituição que está a serviço da construção de uma sociedade mais justa, mais equitativa, e os jovens pesquisadores também devem ter esse compromisso. Em Geografia, de uma forma particular, há um papel muito grande, pois é a principal disciplina que fala das sociedades contemporâneas na escola e, por isso, tem uma responsabilidade social enorme. Aborda a organização social, dos contrastes sociais, dos problemas sociais e ambientais. O jovem pesquisador tem de ser alguém que também tenha essa vontade de construir uma sociedade mais justa, mais equilibrada e mais sustentável. Tem que ter um compromisso social, ou seja, o compromisso não é apenas com a produção de textos para progredir na carreira acadêmica, o que também é importante, mas tem que possuir um compromisso social assumido. Gostaria, por fim, de transmitir o quanto tem sido importante em minha carreira profissional desde alguns anos, o contato com o Brasil, que tem marcado a minha própria carreira não só do ponto da observação que tenho aprendido com os colegas, mas também do ponto de vista pessoal, tem sido muito gratificante o contato que tenho com os colegas do Brasil. Espero que, como sucedeu no I Congresso Ibero-Americano do projeto “Nós Propomos”, que este estreitamento ocorra a um grupo maior de colegas tanto do Brasil quanto de Portugal. Há aqui, portanto, um registro e um agradecimento a este espaço ibero-americano e luso-brasileiro, em particular, que temos tentado construir e que eu espero continuar sendo este pequeno construtor.

## **PUBLICAÇÕES DO AUTOR (SELEÇÃO)**

CLAUDINO, Sérgio. Project We Propose! Building Territorial Citizenship from School. In: PINEDA-ALFONSO, José; et al. **Handbook of Research on Education for Participative Citizenship and Global Prosperity**. Hershey: IGI Global, p. 350-382, 2019.

CLAUDINO, Sérgio. Educação Geográfica, Trabalho de Campo e Cidadania. O Projeto Nós Propomos!. In: VEGA, Feliciano H. (Org.). **O Ensino na Escola de Hoje**. Teoria, Investigação e Aplicação. 1ed; p. 265-303. Lisboa: Climepsi Editores, 2018.

CLAUDINO, Sérgio. Construir un curriculum con las personas, los derechos y los lugares olvidados. Retos para las Ciencias Sociales en el siglo XXI. In: CARRETERO, Ana M ária Hernández; et al (Org.). **Una Enseñanza de las Ciencias Sociales para el Futuro: Recursos para Trabajar la Invisibilidad de Personas, Lugares y Temáticas**. 1ed. Cáceres: Universidad de Extremadura/ Asociación Universitaria del Profesorado de Didáctica de las Ciencias Sociais, , v. 1, p. 49-65, 2015.

CLAUDINO, Sérgio. **Teaching Geography in Portugal: Going back to the future**. Problems of Education in the Twenty First Century, v. 1, p. 30-38, 2011.

CLAUDINO, Sérgio. **Portugal peninsular e os desafios regionais**. Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, XLI (81), p. 105-120, 2006.